Dia 18 — A Dedicação das Basílicas de São Pedro e São Paulo, Apóstolos

Martirológio Romano

A dedicação das basílicas de São Pedro e São Paulo, apóstolos, em Roma, das quais a primeira, reedificada e ampliada, consagrou solenemente o papa Urbano VIII tal dia como hoje. (Veja-se sua notícia hoje.)

São Romão, mártir, em Antioquia; o qual, no tempo do imperador Galério, intentando o presidente Asclepíades entrar à força numa igreja e arruiná-la até os alicerces, exortou os demais cristãos a que lhe resistissem, pelo que o prenderam e, depois de cruéis tormentos, lhe cortaram a língua (sem a qual contudo publicava as grandezas de Deus); e por último, afogado com um baraço no cárcere, foi coroado com ilustre martírio. (Este Santo era diácono de um povo da jurisdição de Cesareia, na Palestina.)

São Barulas ou Barlaã, menino mártir, presenciou o martírio de São Romão que precede e, tendo-lhe perguntado São Romão se era melhor adorar a um só Deus ou a muitos deuses, respondeu que se devia adorar só o Deus que adoravam os Cristãos, pelo que foi açoitado e depois degolado. (Sua mãe, que se achava presente, fazendo-se superior aos sentimentos da natureza, não cessou de animá-lo. Este martírio e o de São Romão aconteceu pelos anos de 303. Barulas ou Barallaha, por abreviatura Barlaha, significa em caldeu menino, filho ou servo de Deus, pelo que no antigo Breviário de Toledo é intitulado este Mártir com o nome de Teódulo, palavra grega que significa o mesmo.)

Santo Hesíquio, mártir, também em Antioquia: era soldado e, ouvindo publicar um edito pelo qual se mandava que os que não adorassem os ídolos perdessem a honra militar, imediatamente se despiu das insígnias de soldado; pelo que, atando-lhe uma grande pedra à mão direita, foi precipitado no rio (Orontes, pelos anos de 303, quase ao mesmo tempo que São Romão).

Os santos Onésimo e seus companheiros, no mesmo dia; os quais, na perseguição dos vândalos, padeceram pela fé católica.

São Máximo, bispo, em Mogúncia; o qual, tendo padecido muitas perseguições pelos Arianos no tempo de Constâncio, glorioso confessor morreu em paz. (Foi constante em sustentar a fé católica e pelos anos de 346 presidiu o concílio de Sárdica.)

A preciosa morte de Santo Odo, abade de Cluny, em Tours. (Era filho de uma família ilustre e nasceu no ano de 879. Aos dezenove de sua idade recebeu a tonsura e foi apresentado a uma cônega de São Martinho de Tours. Como lesse a regra de São Bento, determinou abraçar o estado monástico: renunciou, pois, sua cônega e tomou o hábito no mosteiro de Baume, na diocese de Besançon. Depois passou ao mosteiro de Cluny, cujo governo se lhe confiou. Estabeleceu nele a regra de São Bento em sua maior pureza e procurou levar sua observância ao ponto de toda a sua perfeição. Assim se formou aquela célebre congregação que tantos benefícios tem feito à Religião e às letras e cuja influência na civilização da Europa têm reconhecido até os filósofos do século XIX. Os papas e os príncipes encarregaram ao santo abade de Cluny comissões de importância, as quais desempenhou com admirável piedade, destreza e prudência. Por devoção a São Martinho desejava morrer em Tours e, assaltado de sua última enfermidade, passou apressadamente àquela cidade, onde acabou felizmente sua carreira mortal tal dia como hoje do ano 942.)

Santo Tomás, monge, em Antioquia, a quem os antioquenos faziam uma festa solene todos os anos em memória de tê-los livrado de uma peste com suas orações.

A trasladação de São Frediano, bispo e confessor, em Lucca, na Toscana.

A Dedicação da Basílica dos Santos Apóstolos São Pedro e São Paulo

Diz Deus na Escritura que glorificará a todos os que o glorificarem; mas os que o menosprezarem a ele serão eles mesmos menosprezados. A verdade deste oráculo se renova visivelmente na solenidade deste dia. Ao mesmo tempo que os Césares, aqueles inimigos do nome cristão, aqueles orgulhosos donos de todo o universo, revestidos com toda a majestade de seu império, a cujo só nome dobrava o joelho toda a terra, jazem hoje sepultados num eterno esquecimento, sem que de toda a sua pomposa dignidade tenha restado mais que o menosprezo geral de sua memória; ao mesmo tempo que suas cinzas, confundidas com as do escravo mais vil, são desprezo dos pés ou asqueroso horror da vista; os templos do Deus vivo, a quem eles perseguiram, elevaram-se sobre as ruínas de seus mesmos troféus; os sepulcros daqueles heróis cristãos, a quem o mundo perseguiu e que pareciam tão vis, tão desprezíveis a seus achacosos olhos, são hoje celebrados e famosos em todo o universo, fazendo Deus venerável seu nome e sua memória, tanto que, não contente de fazê-los reinar em sua companhia no céu, quis que fossem objeto digno do culto e veneração dos fiéis, glorificando suas mesmas cinzas e fazendo glorioso na terra seu sepulcro. Mas entre todos os lugares do mundo cristão, ilustrados com o sangue dos Mártires, nenhum mais célebre, nenhum mais respeitável, nenhum houve jamais tão venerado como aquela parte do Vaticano que foi consagrada com o sangue do Príncipe dos Apóstolos.

Logo que São Pedro, aquela visível cabeça da Igreja de Jesus Cristo, consumou seu glorioso martírio; logo que São Paulo, aquele astro luminoso e de primeira magnitude, aquele doutor insigne da Religião e das gentes, terminou sua carreira com vitorioso triunfo, viram-se concorrer de todas as partes os Cristãos a venerar aquelas sagradas relíquias. Desde então se considerou a cidade de Roma muito mais rica, muito mais ilustre por depositária daqueles sagrados despojos que por todos os outros soberbos monumentos da vaidade pagã. O sepulcro de São Pedro sobre o monte Vaticano, que desde então se chamou a confissão de São Pedro, e o de São Paulo no caminho de Óstia, às margens do Tibre, foram o objeto mais célebre da veneração dos fiéis e o termo mais frequente de suas devotas peregrinações. Vinham buscar (dizem os Padres) entre aquelas frias cinzas aquele mesmo sagrado fogo que os abrasou; e o mesmo coração sentia ir-se avivando a fé que haviam pregado aqueles adalides da Religião. Acovardados os fiéis com as perseguições dos três primeiros séculos, continham sua veneração nos afogados termos de um culto cauteloso e reservado, sem liberdade para explicá-la em demonstrações de sua magnificência. Na verdade, era cada dia maior o que tributavam àquelas preciosas relíquias, ainda que não era lícito a sua devoção nem a seu zelo desafogar-se em públicos monumentos. Mas logo que o imperador Constantino, com sua milagrosa conversão, restituiu a paz à Igreja, foi o primeiro cuidado do religioso Imperador tirar da obscuridade aqueles venerandos tesouros tão estimados e tão adorados de todos os fiéis.

Quis acreditar aquele grande Príncipe sua religião e sua veneração aos sagrados Apóstolos com uma ação tão assinalada que o fez maior e mais glorioso que quantas ilustres e grandes vitórias havia conseguido de seus inimigos. Logo que se traçou o plano da célebre igreja de São Pedro no Vaticano, diz-se que o piedoso Imperador, deposta a diadema e púrpura imperial aos pés do santo Apóstolo, tomou uma enxada, deu princípio a abrir os alicerces e tirou doze cestos de terra que ele mesmo levou em seus imperiais ombros, deixando ao mundo cristão este exemplo de piedade que eternizará sua memória. E que dificuldade pode haver em crer isto de um príncipe tão religioso como o grande Constantino, quando não a há em crê-lo a Suetônio, que afirma outro tanto de Vespasiano ao tempo que se reedificou o templo de Júpiter Capitolino? Acabou-se logo aquela igreja, como também a outra que o mesmo Imperador mandou fabricar em honra do apóstolo São Paulo, extramuros da cidade de Roma, no caminho que vai a Óstia. Concluídas as duas suntuosas basílicas, o papa São Silvestre as consagrou, fazendo a dedicação com tanta solenidade e com tanto concurso de gente que se pode dizer que foi um dos maiores triunfos da Igreja, e esta solenissima dedicação é o que se celebra neste dia. Santo Optato, bispo de Milevi, que vivia no tempo do pontífice São Dâmaso, diz que as igrejas dos dois santos Apóstolos eram duas memórias ou dois templos abertos sempre aos Católicos e sempre fechados para os hereges e para os cismáticos; de sorte que entrar naquelas duas sagradas basílicas e ter parte nas orações e nos sacrifícios que se celebravam nelas era o mesmo que comunicar com a Igreja católica. Por isso todos os que concorriam a Roma davam princípio a suas devoções visitando a igreja de São Pedro, e os que não entravam nela se reputavam por cismáticos, segundo a observação do cardeal Barônio.

Foi tão venerada em todo tempo esta igreja e a de São Paulo que, ao chegar a elas, todos se prostravam à entrada beijando as portas por devoção, e daí vem que até o dia de hoje se diz que vão *ad limina Apostolorum* dos peregrinos que vão a Roma, porque *limen*, entre os antigos, significava a porta de uma igreja e também a igreja mesma. «Não vês (diz São João Crisóstomo)

com que devoção, com que respeito beijam os fiéis a entrada desse sagrado templo? *Non cernis quoniam homines etiam hisce templi vestibulis oscula figunt, partim inclinato capite, partim manu tenentes?*» São Paulino e, depois dele, São Gregório de Tours nos informam de quão célebres eram no mundo as basílicas do Príncipe dos Apóstolos e de São Paulo pela santidade dos lugares e pela religião e concurso dos povos. A história eclesiástica nos põe à vista inumeráveis exemplos da veneração com que os príncipes da terra, as gentes mais separadas de nós e até os mesmos bárbaros, tanto hereges como infiéis, honraram em todos os tempos aqueles sagrados lugares. Os godos, conduzidos por Alarico, no tempo do imperador Honório, desolaram toda a Itália, apoderaram-se de Roma no ano de 409, saquearam e queimaram toda a cidade; mas não ousaram tocar as duas célebres basílicas.

Ainda que a igreja de São Pedro no Vaticano foi verdadeiramente augusta desde aqueles primeiros tempos, com tudo isso não pareceu depois nem tão capaz nem tão magnífica como correspondia à santidade daquele sítio nem ao imenso concurso de peregrinos que a vinham visitar de todas as nações do universo. Por isso muitos séculos depois pensaram diferentes Papas em dar maior extensão ao edifício, fazendo-o uma das maravilhas do mundo ou um de seus mais ostentosos e mais soberbos monumentos. Mas até o século XV não se tomou com eficácia a resolução de renová-lo em todas as suas partes. Nicolau V mandou abrir os alicerces pelo ano de 1456: Sisto IV fez trabalhar neles; e Júlio II, preferindo a outros muitos o desenho que lhe apresentou Bramante Lazzari, famoso arquiteto, deu princípio àquele soberbo edifício no ano de 1506, fazendo a cerimônia de pôr ele mesmo a primeira pedra com grande solenidade no dia 18 de abril do mesmo ano. A Bramante Lazzari, que morreu no ano de 1514, sucedeu o célebre Rafael de Urbino, tão hábil arquiteto como pintor. O papa Paulo III encarregou a continuação daquela empresa ao famoso Miguel Ângelo Buonarroti. Usando este o pleno poder que o Pontífice lhe havia concedido, traçou outro modelo de arquitetura mais soberba, mais moderna e de mais preciosos materiais. A Miguel Ângelo substituiu Jacopo Barozzi no ano de 1564, e a este sucederam Jacopo della Porta, Maderno e o cavaleiro Bernini, que acabou aquela grande obra no pontificado de Paulo V. Mas quem a aperfeiçoou foi o papa Urbano VIII, e foi também quem fez a mais solene dedicação que jamais se havia feito, no mesmo dia em que se celebra a dedicação da igreja antiga. De maneira que a célebre igreja de São Pedro no Vaticano, que hoje se coloca na classe dos mais soberbos edifícios do universo e se conta no número das maravilhas do mundo, foi obra de cento e vinte anos, em vida de vinte Pontífices; mas os que mais contribuíram a ela foram Júlio II, Leão X, Paulo III, Sisto V, Clemente VIII, Paulo V e Urbano VIII.

Esta magnífica igreja, centro da unidade e mãe de todas as outras, toda é de mármore por dentro e por fora coberta de chumbo e de bronze dourado. Admiram-se nela excelentes pinturas, colunas de mármore, imensas riquezas e naquela vastíssima capacidade uma proporção que é o último esmero da arte. O pórtico desta igreja eleva-se até vinte e quatro toesas, e sua arquitetura é da ordem jônica. Forma um pórtico soberbo de abóbada dourada que se estende a toda a longitude do portal; e sobre o pórtico se sustenta uma magnífica galeria, aonde todos os anos sai Sua Santidade na Quinta-feira Santa e no dia de Páscoa a dar a bênção ao povo que está de joelhos na praça Vaticana. Lê-se uma inscrição latina em que se diz que o papa Paulo V mandou fabricar aquele portal no ano de 1612. Das cinco portas que tem, a do meio é de bronze, e a que está à mão direita é a que se chama a Porta Santa, porque só se abre o ano santo; chamando-se assim o ano do grande jubileu que se celebra de vinte e cinco em vinte e cinco anos. O desenho e o plano deste

augusto edifício representa a figura de uma cruz, cujo mastro ou cuja longitude é de cerca de cem toesas, e a latitude ou os braços são de sessenta e seis. No centro destes braços se eleva a cúpula à altura de cinquenta e cinco toesas; mas o resto da abóbada em toda a igreja só se levanta vinte e quatro. Todo o pavimento é de mármore, e a abóbada dourada. No meio dos braços se descobre o altar-mor sob a mesma cúpula. Não há no mundo coisa que iguale a magnificência e a suntuosidade deste altar, nem o rico dossel de bronze com que o mandou cobrir o papa Urbano VIII. Depois da eleição do Papa é conduzido a este altar, e nele é reconhecido por sucessor de São Pedro. Ninguém pode dizer missa nele senão o Sumo Pontífice ou a quem dê expressa licença para celebrá-la. Debaixo do mesmo altar está a confissão de São Pedro; porque assim se chamou sempre o sepulcro onde descansa o corpo do santo Apóstolo. A praça que está diante da mesma igreja é também a admiração dos estrangeiros. O desenho foi do cavaleiro Bernini, e o papa Alexandre VII o mandou executar. Rodeia-a uma formosa galeria e é toda ela de figura oval, com trezentos passos de comprimento e duzentos e vinte de largura. Trezentas e vinte e quatro colunas sustentam a galeria enriquecida com uma balaustrada em que se deixam ver as estátuas dos doze Apóstolos, com as de outros muitos Santos, até o número de oitenta e oito, e as armas de Alexandre VII. Eleva-se no meio desta praça, entre duas formosas fontes, a pirâmide ou o obelisco mais magnífico de todo o universo. Todo ele é de uma peça de mármore granito, e esta admirável peça tem treze toesas e dois pés de alto, sem compreender a elevação da base nem de seu pedestal. O remate da pirâmide era em outro tempo a urna onde estavam as cinzas de Júlio César; mas hoje o remata uma cruz de bronze. A igreja de São Paulo, extramuros, é também de singular veneração e muito frequentada dos fiéis.

A dedicação destas duas célebres basílicas é a que solemniza hoje a Igreja em todo o universo, e não há quem ignore nem o objeto nem o fim desta solenidade. Já se sabe que a dedicação de uma igreja é um ato exterior de religião que sempre deve fazer um bispo; em cuja virtude um edifício material, por particular bênção, se converte em casa de Deus, na qual devem os fiéis render-lhe aquele religioso culto que é tão devido a sua adorável Majestade. E, estando os templos destinados, por especial instituição, ao serviço de Deus para reverenciá-lo singularmente neles, sua dedicação é ato de religião que os converte em casa especial, palácio sagrado e como santuário aonde podem entrar todos os fiéis para tributar a Deus a veneração, a homenagem e a adoração que lhe corresponde como a soberano Senhor de céu e terra.

Falando Eusébio das dedicações que se celebraram nas cidades principais do mundo logo que o imperador Constantino deu permissão para que se erigissem templos públicos ao verdadeiro Deus, diz que nunca se haviam visto festas mais solenes nem onde se fizesse mais visível o regozijo dos povos que naquelas dedicações. Concorria-se a elas das províncias mais remotas, tendo-se por ditosos os príncipes e os reis que se achavam presentes a tão religiosas solenidades, e os bispos acudiam em grande número: *Ad hæc episcoporum conventus, peregrinorum ab externis et dissitis regionibus concursus; populorum mutua inter se charitas ac benevolentia, cum membra corporis Christi in unam compaginem coalescerent.* Estas palavras de Eusébio devem fazer-nos observar que a alegria e a solenidade das dedicações não se fundam no edifício material dos templos, por suntuoso, por magnífico que seja, mas na união, concórdia e caridade que une todos os homens num templo vivo, de que só são figura os templos materiais, juntando-se os imperadores com os bispos, os bispos e o clero com os povos, os povos, as províncias e os reinos diversos entre si para oferecer-se todos juntos a Deus, oferecendo-lhe uma vítima imortal e divina, que é o mesmo Jesus

Cristo: *Una erat divini Spiritus virtus per universa commeans membra; una omnium anima, eadem alacritas fidei; unus omnium concentus divinitatem hymnis celebrantium.* E esta primitiva solenidade é a que se celebra hoje na festa das dedicações.

Caio, presbítero da Igreja romana, famoso teólogo, que florescia ao fim do século segundo, assegura que já então se veneravam os dois sepulcros dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo como dois gloriosos troféus e antemurais da religião cristã: *Ego Apostolorum trophæa perspicue possum ostendere. Nam si libet in Vaticanum proficisci aut in viam quæ Ostiensis dicitur te conferre, trophæa illorum qui illam ecclesiam suo sermone et virtute stabilierunt invenies.*

Missa (oração)

A missa é da festa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nobis per singulos annos hujus sancti templi consecrationis reparas diem, et sacris semper mysteriis repræsentas incolumes: exaudi preces populi tui, et præsta; ut quisquis hoc templum beneficia petiturus ingreditur, cuncta se impetrasse lætetur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano renovais em nosso favor o dia da consagração desta igreja, dedicada a Vós, e nos dais saúde para assistir a estes sagrados mistérios, ouvi benigno os rogos deste povo e outorgai-nos que todos os que entram neste templo para pedir-vos alguma graça tenham a ventura de alcançar o que desejam. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 21 do Apocalipse de São João (o impresso remete à página do dia 9).

Apocalipse 21,2-5

> **Latim:** 2 Et ego Joannes vidi sanctam civitatem Jerusalem novam descendentem de cælo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo. 3 Et audivi vocem magnam de throno dicentem : Ecce tabernaculum Dei cum hominibus, et habitabit cum eis. Et ipsi populus ejus erunt, et ipse Deus cum eis erit eorum Deus : 4 et absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum : et mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt. 5 Et dixit qui sedebat in throno : Ecce nova facio omnia. Et dixit mihi : Scribe, quia

> hæc verba fidelissima sunt, et vera.

Português: [2] E eu João vi a cidade santa, a Jerusalem nova, que da parte de Deos descia do ceo, adornada como huma esposa ataviada para o seu esposo. [3] E ouvi huma grande voz vinda do throno, que dizia: Eis-aqui o tabernaculo de Deos com os homens, e elle habitará com elles. E elles serão o seu povo, e o mesmo Deos no meio d'elles será o seu Deos: [4] e Deos lhes enxugará todas as lagrimas de seus olhos: e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem mais gritos, nem mais dor, porque as primeiras cousas são passadas. [5] Então o que estava assentado no throno disse: Eis-ahi faço eu novas todas as cousas. E elle me disse: Escreve, porque estas palavras são muito fiéis, e verdadeiras.

Reflexões

Este é o tabernáculo de Deus entre os homens, e habitará com eles. Quem vir como estão os Cristãos em nossas igrejas, persuadir-se-á de que são as casas do Senhor? Pode chegar a mais a irreverência, a falta de respeito, de compostura e até a impiedade com que se está nelas? Já não é uma profanação secreta; é uma irreligião pública, escandalosa, atrevida, descarada: é a abominação da desolação no lugar santo. Que homem há tão vil que ao menos em sua casa não encontre asilo seguro contra um insulto? Sendo nosso Deus tão ofendido quase em todos os demais lugares, não seria razão que estivesse a coberto contra os ultrajes de seus próprios filhos ao menos em seu santo templo? É possível que a impiedade há de chegar a insultar impunemente ao Redentor até em seu mesmo trono? Seus altares, respeitáveis aos mesmos demônios, não serão respeitados dos Cristãos, e nunca hão de ser barreira segura contra sua insolência? Será acaso porque não tenha ficado já em tanto número de libertinos nem uma leve tintura de religião que os mova a respeitar o lugar santo, ao menos enquanto dura o tremendo sacrifício? Pois lhes fica livre tanto espaço a sua desenfreada licença; pois todos os demais sítios são para eles lugares de dissolução, deixem ao menos a Jesus Cristo e a seus templos. Ah, Senhor, e a que vos reduziu o excesso de amor que nos tendes! Se menos solícito de fazer-nos bem, se menos ansioso de manifestar-nos vossa ternura, ou mais zeloso de vossa glória, tivésseis ficado em vossos altares, como no Tabor, revestido com o esplendor de vossa majestade; ou, suspendendo menos vossa indignação contra os que profanam o sagrado de vossa casa, fizésseis que se abrisse a terra debaixo de seus pés ou fulminásseis fogo do céu contra os que se atrevem a perder-vos o respeito em vossa presença e a profanar vossos templos, seguramente que vos teriam maltratado menos, porque vos teriam temido mais. Mas quê! Havemos de ser nós ingratos, ímpios, sacrílegos, porque o Deus que adoramos seja tão sofrido? Mais quer Jesus Cristo dissimular em silêncio os atrevimentos dos ímpios que atemorizar as almas justas com ruidosos escarmentos. Mas um ministro de Deus, um governador, um magistrado, uma pessoa pública constituída em dignidade poderá licitamente olhar com indiferença e com frieza os ultrajes que se fazem ao Deus vivo? E à força de ver as irreverências que se cometem no lugar santo, um pai, uma mãe, uma pessoa de autoridade autorizará com seu silêncio, e não poucas vezes com seu mau exemplo, umas profanações tão escandalosas? Depois disto nos queixaremos das calamidades dos tempos e dos

açoites com que nos castiga a divina indignação!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Lucas (o impresso remete à página do dia 9).

Lucas 19,1-10

> **Latim:** 1 Et ingressus perambulabat Jericho. 2 Et ecce vir nomine Zachæus : et hic princeps erat publicanorum, et ipse dives : 3 et quærebat videre Jesum, quis esset : et non poterat præ turba, quia statura pusillus erat. 4 Et præcurrens ascendit in arborem sycomorum ut videret eum : quia inde erat transiturus. 5 Et cum venisset ad locum, suspiciens Jesus vidit illum, et dixit ad eum : Zachæe, festinans descende : quia hodie in domo tua oportet me manere. 6 Et festinans descendit, et excepit illum gaudens. 7 Et cum viderent omnes, murmurabant, dicentes quod ad hominem peccatorem divertisset. 8 Stans autem Zachæus, dixit ad Dominum : Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus : et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum. 9 Ait Jesus ad eum : Quia hodie salus domui huic facta est : eo quod et ipse filius sit Abrahæ. 10 Venit enim Filius hominis quærere, et salvum facere quod perierat.

Português: 1 E TENDO entrado em Jericó, atravessava Jesus a cidade. 2 E vivia nella hum homem chamado Zaqueo: e era elle hum dos principaes entre os publicanos, e pessoa rica: 3 e procurava ver a Jesus, para saber quem era: e não no podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura. 4 E correndo a diante, subio a hum sycomório para o ver: porque por alli havia de passar. 5 E quando Jesus chegou áquelle lugar, levantando os olhos alli o vio, e lhe disse: Zaqueo, desce depressa: porque importa que eu fique hoje em tua casa. 6 E desceo elle a toda a pressa, e recebeo-o gostoso. 7 E vendo isto todos, murmuravão, dizendo, que tinha hido hospedar-se em casa de hum homem peccador. 8 Entretanto Zaqueo posto na presença do Senhor, disse-lhe: Senhor, eu estou para dar aos pobres ame tade dos meus bens: e naquillo em que eu tiver defraudado a alguem, pagar-lho-hei quadruplicado. 9 Sobre o que lhe disse Jesus: Hoje entrou a salvação nesta casa: porque este tambem he filho de Abra hão. 10 Porque o Filho do homem veio buscar, e salvar o que tinha perecido.

Meditação

Do respeito na igreja

Primeiro ponto

Considera que nossas igrejas são o lugar mais respeitável e mais santo de toda a terra, assim pela consagração que faz delas o bispo como pelo divino sacrifício que nelas se oferece e pela real presença de Jesus Cristo no sacramento do altar. Busca, imagina lugar mais digno em todo o universo nem que mereça mais nosso reverente culto. Em castigo de nossos pecados e por um segredo tão adorável como profundo de sua divina providência, entregou Deus aos infiéis a Terra Santa, pondo os Santos Lugares em seu poder; mas com quantas vantagens nos recompensou esta perda, santificando tão visivelmente nossas igrejas! Que há no Calvário nem no Santo Sepulcro que não encontremos em nossos templos e em nossos altares? O mesmo que santificou aqueles Santos Lugares com uma presença, digamo-lo assim, transitória ou passageira, não está santificando nossas igrejas com uma presença permanente? Cristo só esteve algumas horas na cruz e no Calvário: seu adorável corpo não esteve encerrado no sepulcro mais que três dias. Na verdade não era mister tanto para constituir santos e sagrados aqueles ditosos Lugares, fazendo-os dignos do respeito e da veneração dos fiéis. Não invejemos a ventura daquelas devotas pessoas que lograram o consolo de beijar aqueles penhascos santificados com as sagradas pegadas e com o precioso sangue do Salvador; de ver e de beijar aquele glorioso sepulcro consagrado com tão adorável depósito. Em nada cedem nossos altares e nossas igrejas à santidade daqueles Lugares. Merecem porventura menos respeito, menos veneração, menos reverência que eles? Atrever-se-ia alguém a subir ao monte Calvário como se chegam muitos ao altar? Atrever-se-ia a entrar no Santo Sepulcro como entram tantos hoje em dia em nossas igrejas? Viram-se mais de uma vez os mais augustos imperadores, as maiores imperatrizes e rainhas ir arrastando-se de joelhos por aqueles Santos Lugares: vê-se hoje entrar em nossos santuários com a mesma devoção, com a mesma modéstia, com a mesma religião, assim os grandes do mundo como o mais ínfimo povo? Bom Deus, que se fez de nossa religião! Que de nossa fé!

Segundo ponto

Considera que, sendo nossas igrejas o santuário da Divindade e nossos altares o trono do Deus vivo, não se pode entrar nem estar nelas com pouco respeito sem cometer um crime irreligioso e uma escandalosa impiedade. Mas consideram-se hoje como tais as imodéstias, a irreverência e a profanação com que se entra e com que se está nos sagrados templos? Estes pecados, sobre não ser de sua natureza leves, são muito comuns, são quase universais; mas quantos há que se arrependam verdadeiramente deles? Quantos que os confessem? E porque não os confessem, porque sejam tão comuns e tão universais, deixarão de ser menos enormes de si? Serão menos severamente castigados? Ultrajarão menos a majestade e a santidade de todo um Deus? Irritarão menos sua cólera? Ah, que esse ar indevoto, orgulhoso, distraído, dissipado; essas posturas arrogantes, indecentes e escandalosas com que se está nas igrejas hão de causar cruéis sobressaltos, amargos arrependimentos na hora da morte! Com que distinto rosto se representarão a uma alma alumiada então com as vivas luzes da fé! São nossas igrejas como a sala de audiência de nosso Deus: ali é onde propriamente escuta nossas súplicas, recebe nossos votos, despacha nossas petições. Chamam-se oratórios nossas igrejas porque nelas particularmente quer o Senhor que se lhe faça oração. Neste lugar santo prometeu ser favorável a

seu povo, receber e dar expediente a nossos memoriais. Pois agora a indecência com que nos deixamos ver nele, a indevoção com que nos apresentamos a sua vista, as irreverências que ali se cometem nos servirão de grande recomendação com o soberano Dono a quem viemos pedir, com o supremo Juiz cujas graças viemos solicitar? Suplicamos, pedimos, clamamos e não somos ouvidos. Mas como o havemos de ser se no mesmo templo vimos ofender a majestade do Dono e a santidade do Juiz? Com que respeito se entra em casa dos grandes! Com que decência, com que compostura, com que modéstia, com que humildade se põe alguém em presença de um magistrado, diante de um ministro quando vai a pretender alguma graça! Observa-se a mesma humildade, a mesma compostura, a mesma circunspecção nas igrejas quando se vai pretender com Deus?

Ah, Senhor, e quão vergonhosa é aos Cristãos esta desproporção! Perdoai-me, divino Salvador meu, minha falta de respeito e minhas escandalosas irreverências. Desde hoje começo, mediante vossa divina graça, a parecer nas igrejas com muito diferente modo que tenho parecido até aqui.

Jaculatórias

Entrarei, Senhor, em tua casa para adorar-te em teu santo templo, de maneira que minha modéstia e meu respeito deem testemunho de minha fé. (Sl 5.)

Já não me esquecerei, Senhor, de que estou em tua presença quando derramo meu coração em teu santo templo. (Sl 61.)

Propósitos

1. Entre todos os artifícios de que se vale o inimigo de nossa salvação para fazer inúteis os auxílios e meios que temos para salvar-nos, talvez não há mais pernicioso nem que lhe saia melhor que a pressa que se dá para rebaixar o alto conceito que deveríamos ter desde o berço da majestade verdadeiramente divina e da santidade de nossas igrejas. Como nestes augustos templos reside corporalmente a Divindade e como nestes santuários nos franqueia Deus os tesouros de suas misericórdias, não deixa o demônio pedra por mover para apagar, ou ao menos para diminuir esta religiosa ideia dos lugares sagrados, sabendo muito bem que nunca se dá o Senhor por mais ofendido e por mais sensivelmente irritado que pela falta de respeito e de veneração a nossas igrejas. Perder o respeito a estes sagrados lugares é como desprezar pessoalmente o mesmo Deus, é como fazer burla de toda a Religião e é dar ao público um solene testemunho de nossa pouca ou nenhuma fé. De hoje em diante hás de ser de uma suma delicadeza neste ponto. Entra sempre na igreja com modéstia exemplar, os olhos baixos e guardando um profundo silêncio, não falando nela senão a só Deus.

2. Apresenta-te sempre no templo decentemente vestido. É muita falta de religião ir à igreja em traje caseiro, como o fazem algumas mulheres profanas, que se guardariam bem de receber uma visita séria daquele modo nem de fazê-la a pessoas de respeito. Não é menor, menos irreverente

nem menos escandalosa indecência estar de joelhos sobre uma cadeira ou sobre um banco, como também o dormir-se nas igrejas. Estas irreverências, que chocam até os mesmos infiéis, não destoam tanto aos Cristãos porque estão acostumados a vê-las; mas serão por isso menos escandalosas? Toda a tua vida hás de ter grande horror a todas estas espécies de irreligião, considerando-as como outros tantos perniciosos escândalos que desacreditam indizivelmente nossa santa Religião no conceito dos hereges e dos infiéis. Em todas as confissões te hás de acusar de tua falta de respeito e de devoção na igreja. Esta devoção e este respeito é uma das coisas que mais deves inculcar a teus filhos e a teus criados; mas vai tu adiante com o exemplo, porque nenhuma coisa contribui tanto à reformação dos costumes e a inspirar a devoção como este religioso respeito.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:51 by Admin